

## **Relatório Executivo**

### **Impactos do Tarifação dos EUA no Agronegócio Brasileiro**

#### **Cogo Inteligência em Agronegócio**

10 de julho de 2025

#### **Trump impõe tarifa histórica ao Brasil em retaliação política**

A decisão do presidente dos EUA, Donald Trump, de impor uma tarifa de 50% sobre produtos importados do Brasil a partir de agosto surpreendeu o governo brasileiro e é amplamente interpretada como um gesto político, não comercial. A medida ocorre em meio a tensões diplomáticas crescentes, incluindo críticas de Trump à atuação da Justiça brasileira contra Jair Bolsonaro, que ele considera alvo de perseguição, e à decisão do STF que responsabiliza plataformas digitais por conteúdos criminosos.

A irritação de Trump também se intensificou durante a cúpula do Brics no Rio de Janeiro, especialmente após declarações do presidente Lula favoráveis ao uso de moedas locais em transações internacionais, reduzindo a dependência do dólar. Em resposta, Trump ameaçou com tarifas adicionais de 10% aos países alinhados ao bloco, sendo o Brasil o mais penalizado com uma tarifa de 50%. O governo brasileiro está mobilizando sua equipe ministerial e diplomática para avaliar respostas à medida, enquanto aguarda orientações do Palácio do Planalto. A decisão dos EUA aumenta a complexidade das relações bilaterais e pode ter impactos econômicos e geopolíticos relevantes.

Ao impor uma tarifa de 50% sobre os produtos brasileiros que entram nos Estados Unidos (EUA), o presidente americano, Donald Trump, usou como um dos argumentos "déficits comerciais insustentáveis" contra o seu país. Mas a frieza dos números não corrobora as palavras de Trump. Aliás, se considerarmos os 25 anos deste século, o Brasil só teve superávit comercial com os norte-americanos nos primeiros oito, entre 2001 e 2008. A partir de então, são 17 anos consecutivos de saldo negativo nas trocas de mercadorias, incluindo o resultado acumulado em 2025 até agora.

#### **EUA abre investigação comercial contra o Brasil**

O presidente dos EUA, Donald Trump, determinou a abertura de uma investigação formal contra o país com base na Seção 301 da Lei de Comércio de 1974. Além da tarifa de 50% sobre produtos brasileiros, essa medida amplia o embate ao permitir que os EUA analisem se práticas comerciais brasileiras violam direitos ou causam prejuízos à economia americana. A Seção 301 autoriza o Escritório do Representante Comercial dos EUA (USTR) a iniciar investigações de forma autônoma ou por meio de petições de entidades como empresas, sindicatos e associações.

Se constatadas práticas "injustificáveis" ou que "restringem" o comércio americano, o governo pode impor sanções unilaterais, incluindo tarifas, suspensão de benefícios comerciais e até proibição de importações. O processo envolve audiências públicas, consultas com o governo brasileiro e possíveis discussões na OMC, com duração de até 12 meses, prorrogáveis. Ao final, o USTR apresenta um relatório ao presidente com recomendações corretivas. Ainda que se priorize a negociação, o resultado pode incluir medidas punitivas adicionais.

### Comparativo de Tarifas por Setor Agroexportador

Setor	Tarifa Anterior	Nova Tarifa	Impacto Esperado
<b>Florestais</b>	Sem tarifa punitiva relevante	+50% sobre valor de importação	Perda de competitividade frente a Canadá, Chile e UE
<b>Carne Bovina</b>	26,4% (fora da cota de 65 mil toneladas)	+50% adicional (aplicação ainda indefinida)	Margens comprimidas, possível queda de exportações
<b>Café</b>	10%	50%	Encarecimento do produto, ameaça à liderança brasileira
<b>Etanol</b>	Varia por estado e modalidade	+50% (~US\$ 200–250 por mil litros)	Produto praticamente não competitivo nos EUA
<b>Açúcar</b>	Dentro de cotas tarifárias	+50% (mesmo dentro da cota)	Pode inviabilizar exportações para o mercado americano
<b>Suco de Laranja</b>	US\$ 723/t (US\$ 415 + 10%)	Até US\$ 2.260/t (com nova alíquota de 50%)	Queda drástica na competitividade, risco à cadeia citrícola

#### Florestais

- ✓ Exportações afetadas: Madeira, celulose, molduras de pinus.
- ✓ Impacto: Aumento de custos e perda de competitividade no setor da construção civil americana.
- ✓ Região crítica: Sul (PR, SC, RS), responsável por 86,5% das exportações florestais para os EUA.

Com o acréscimo de 50% no preço final, os produtos florestais brasileiros (como celulose, papel, madeira serrada, painéis de madeira e móveis) se tornam significativamente menos competitivos frente a concorrentes como Canadá, Chile e países europeus. Isso pode provocar perda imediata de contratos, redirecionamento de pedidos e substituição por fornecedores locais ou de países não tarifados. Em 2024, os produtos florestais foram o item agroexportador número 1 do Brasil para os EUA, somando US\$ 3,72 bilhões e 4,87 milhões de toneladas exportadas.

Com a nova tarifa, parte significativa desse volume pode deixar de ser comercializada com os EUA, afetando diretamente a balança comercial e o superávit do agronegócio brasileiro. As empresas exportadoras, especialmente as grandes produtoras de celulose e papel, como Suzano, Klabin e Arauco

(com operação no Brasil), podem ter suas margens comprimidas, caso optem por absorver parte do custo extra para manter mercado. Pode haver redução na produção, suspensão de investimentos e replanejamento logístico para outros mercados.

O setor florestal brasileiro é altamente gerador de empregos em regiões como o Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste. Com menos demanda externa, há risco de demissões, cortes em contratos com fornecedores e perda de renda em áreas de florestas plantadas. Empresas terão de intensificar esforços de diversificação de destinos, mirando Ásia, Europa e outros países da América Latina, embora isso possa exigir adaptação a novas exigências técnicas e regulatórias. O redirecionamento não será imediato e poderá gerar sobrecarga de oferta interna e pressão sobre preços domésticos.

## **Carne Bovina**

- ✓ Exportações afetadas: Carne in natura.
- ✓ Impacto: Tarifa torna exportações praticamente inviáveis, com custo extra de US\$ 2.866/t.
- ✓ Consequência interna: Excedente no mercado doméstico pode derrubar preços.

Os Estados Unidos são atualmente o segundo maior destino da carne bovina brasileira, atrás apenas da China. Em 2025, o Brasil exportou 181,5 mil toneladas de carne bovina para os EUA no primeiro semestre, gerando uma receita de US\$ 1,04 bilhão. Isso representa uma fatia estratégica das exportações totais do setor para os norte-americanos, que somaram US\$ 5,589 bilhões em produtos agropecuários no mesmo período.

Atualmente, as exportações brasileiras de carne bovina para os EUA enfrentam uma tarifa de 26,4% sobre o volume que excede a cota anual de 65 mil toneladas – cota essa que é geralmente esgotada nos primeiros meses do ano. Em 2024, mais de 70% das exportações de carne bovina ultrapassaram essa cota, sendo tributadas com a alíquota cheia.

Com a nova tarifa adicional de 50%, ainda indefinida quanto à sua aplicação (se apenas sobre o excedente da cota ou de forma generalizada), os custos de exportação podem se tornar proibitivos, inviabilizando as vendas ao mercado americano. O custo extra estimado por tonelada exportada é de US\$ 2.866, o que deve comprometer margens e reduzir a competitividade do produto brasileiro.

A Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes) classificou a medida como um grave retrocesso nas relações comerciais e alertou para impactos na segurança alimentar global, já que os EUA não são mais autossuficientes na produção de carne bovina – produzem cerca de 12,3 milhões de toneladas, frente a um consumo interno de 13 milhões de toneladas.

A associação reforça que a decisão americana tem motivação geopolítica, não comercial, e prejudica tanto os produtores brasileiros quanto os consumidores americanos. A Abiec defende o diálogo

diplomático e o uso de canais institucionais para tentar reverter a medida, alertando ainda para os riscos de represálias e desequilíbrios no comércio internacional de alimentos.

Internamente, o redirecionamento da carne destinada aos EUA poderá provocar excedente de oferta no mercado doméstico, pressionando os preços ao produtor e afetando a rentabilidade da cadeia pecuária. O setor precisará buscar rapidamente novos destinos de exportação, como mercados na Ásia, Oriente Médio e América Latina, o que pode exigir adaptações logísticas e sanitárias no curto prazo.

### **Café**

- ✓ Exportações afetadas: Café verde e industrializado.
- ✓ Impacto: Tarifas tornam as vendas inviáveis; os EUA são o maior consumidor mundial.
- ✓ Reação do setor: Cecafé busca negociação para isenção tarifária.

O Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) manifestou preocupação com a decisão dos Estados Unidos de elevar para 50% a tarifa de importação sobre o café brasileiro, destacando impactos negativos para consumidores norte-americanos e para a própria economia dos EUA. Segundo o diretor-geral do Cecafé, Marcos Matos, a medida protecionista pode prejudicar o fluxo do comércio global, afetar a indústria e comprometer o desenvolvimento dos países produtores e consumidores.

Os EUA são o maior mercado consumidor de café do mundo, com 24 milhões de sacas anuais, e o Brasil é seu principal fornecedor, respondendo por mais de 30% do volume importado. Até então, o café brasileiro era taxado em 10%, mesma alíquota de países como Colômbia e Honduras. A nova tarifa ameaça essa relação estratégica e pode encarecer o produto ao consumidor final.

O Cecafé intensificará articulações com a National Coffee Association (NCA) e outros parceiros nos EUA para tentar reverter a decisão, destacando a importância do setor para a economia americana: o café movimenta US\$ 343 bilhões por ano, representa 1,2% do PIB dos EUA e gera 2,2 milhões de empregos. A expectativa é de que o "bom senso prevaleça" e que as tarifas sejam revistas em favor de uma relação comercial mais equilibrada. Entre janeiro e maio, os EUA foram o principal destino do café brasileiro, com 17,1% das exportações.

### **Etanol e Açúcar**

- ✓ Exportações afetadas: Açúcar bruto e etanol de cana.
- ✓ Impacto: Tarifas ampliam disparidade comercial; açúcar pode se tornar inviável fora das cotas.
- ✓ Região afetada: Nordeste, que depende das cotas americanas para exportar açúcar.

O Brasil representa 75% das importações norte-americanas de etanol. Os EUA são um dos principais destinos do etanol brasileiro, sobretudo em momentos de déficits locais ou em busca de

combustíveis mais sustentáveis (como nos estados da Califórnia e Oregon, que têm programas de baixo carbono). Em anos recentes, o Brasil exportou entre 1,5 e 2,1 bilhões de litros de etanol por ano, com os EUA sendo destino regular, especialmente via cotas tarifárias ou vendas spot para a Califórnia. A tarifa de 50% pode representar um acréscimo de US\$ 200 a US\$ 250 por mil litros, tornando o etanol brasileiro praticamente não competitivo no mercado americano.

O acréscimo de 50% sobre o preço do açúcar brasileiro tornará o produto significativamente mais caro para os importadores e consumidores americanos. Isso prejudica a competitividade do açúcar brasileiro frente a outros fornecedores, como México, Guatemala, União Europeia e Tailândia, que poderão ampliar sua participação no mercado americano. O mercado americano opera com cotas tarifárias para importação de açúcar, baseadas em acordos internacionais (OMC e acordos bilaterais). A tarifa elevada pode inviabilizar a entrada do açúcar brasileiro mesmo dentro dessas cotas, reduzindo o volume exportado e trazendo incertezas para o planejamento das empresas brasileiras.

### Suco de Laranja

- ✓ Exportações afetadas: Suco concentrado e congelado.
- ✓ Impacto: Prejuízo estimado de R\$ 1,1 bilhão por ano.
- ✓ Setor nos EUA: Também será afetado, pois depende do Brasil como principal fornecedor.

O setor brasileiro de suco de laranja foi surpreendido com a decisão do presidente dos EUA, Donald Trump, de impor uma tarifa de 50% sobre todas as exportações brasileiras a partir de 1º de agosto. A medida impacta diretamente um dos segmentos mais relevantes do agronegócio nacional, com o Brasil sendo o maior exportador global e principal fornecedor do produto ao mercado norte-americano há décadas. Segundo a CitrusBR, a nova taxa agrava significativamente os custos de exportação. Atualmente, já se aplica uma tarifa fixa de US\$ 415 por tonelada e uma alíquota adicional de 10% (cerca de US\$ 308 por tonelada).

Com a nova tarifa, o custo pode subir para até US\$ 2.260 por tonelada, dependendo da forma de aplicação da alíquota. Em 2024, o Brasil exportou 1,326 milhão de toneladas de sucos para os EUA, gerando US\$ 1,193 bilhão, sendo o suco de laranja o principal item. O setor teme que a medida afete não apenas os exportadores brasileiros, mas também a indústria de sucos dos próprios Estados Unidos, que depende do Brasil como principal fornecedor e emprega milhares de pessoas. O segmento de sucos ocupa o quarto lugar entre os produtos agropecuários mais exportados pelo Brasil aos EUA, atrás apenas de produtos florestais, café e carnes, reforçando a relevância estratégica da cadeia citrícola nas relações comerciais bilaterais.

### Síntese Executiva

A imposição pelo presidente Donald Trump de uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros a partir de agosto marca um momento crítico nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos,

motivada principalmente por questões políticas e geopolíticas. A medida, acompanhada da abertura de uma investigação sob a Seção 301 da Lei de Comércio de 1974, amplia o conflito e traz riscos significativos para diversos setores exportadores brasileiros. Produtos florestais, carne bovina, café, etanol, açúcar e suco de laranja, que juntos compõem uma parcela substancial das exportações brasileiras aos EUA, enfrentarão forte perda de competitividade, risco de queda nos volumes exportados e pressão sobre margens e empregos.

Além dos impactos econômicos imediatos, a decisão tensiona a agenda diplomática e exige respostas estratégicas para diversificação de mercados e defesa dos interesses do Brasil no comércio internacional. O cenário demanda mobilização coordenada do governo e do setor privado para minimizar os efeitos adversos e buscar alternativas de negociação e cooperação internacional, protegendo a sustentabilidade das cadeias produtivas brasileiras e sua inserção global.

**Carlos Cogo**

*Sócio-Diretor de Consultoria*

*Cogo Inteligência em Agronegócio*

[www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)